

Você deve aposentar-se? E então?

WALTER WILLARD

(publicado em Hygeia, julho de 1947,
traduzido por ANA RÍMOLI DE FARIA
DÓRIA com autorização da "American
Medical Association".)

QUE fará o senhor quando atingir a idade da aposentadoria — ou se seu médico lhe ordenar súbitamente que se retire da vida ativa? Esta primeira parte deste artigo conta-nos como um homem ativo e desprevendo, como muitos de nós, viu-se a braços com este sério problema.

*
* *

O senhor, por acaso, já recebeu, alguma vez, de seu médico, o diagnóstico de estar completamente esgotado, com os nervos enfraquecidíssimos e em más condições de saúde? Pois foi o que me ocorreu. Notícia essa nada agradável e tranquilizadora, como se vê!

Eu havia compreendido, há pouco tempo, que as coisas não são como deveriam ser, mas não me aborreci, por isso. Eu estava convencido de que não existe mal que não possa ser reparado prontamente; não tinha eu a menor sensação de doença quando me apresentei ao nosso médico de família. Calculava que o rotineiro exame geral e um vidro de vitamina B1 seriam suficientes para regular o funcionamento de meu físico.

Depois de me examinar e fazer uma série de coisas que teriam sido muito mais agradáveis se tivessem sido postas à margem, disse-me o médico:

“Eis aqui os nomes de dois especialistas. Desejo que os procure imediatamente e volte aqui depois.”

— Para que isso, objetei, se o senhor me tem examinado freqüentemente e conhece o meu estado de saúde?

— Apesar disso, êle respondeu, insisto em que vá e desejo que concorde em seguir as instruções médicas, quaisquer que elas sejam.

Obedeci. Que mais poderia eu fazer? Voltei depois para o veredicto e ordens enérgicas do meu médico. O veredicto foi inacreditável. As ordens, igualmente incríveis. Em primeiro lugar eu deveria fazer um longo repouso, completamente afastado do trabalho, de negócios ou outras situações que pudessem provocar aborrecimentos e tensão nervosa. Todos êles foram unânimes em aprovar o sol e o clima sêco do deserto do Arizona, indicando-o como o lugar ideal para o fim em vista.

Segundo: eu teria que seguir, religiosamente, a rotina médica e a rigorosa dieta prescrita.

Em terceiro lugar, era essencialmente importante que eu demonstrasse novos interesses e entusiasmo tanto do ponto de vista físico como mental, em substituição ao pensamento intenso e à energia anteriormente dispensada no meu trabalho, assim como pelo gôlfe, pelo tênis ou por outros esportes praticados por mim; eu teria que desenvolver uma espécie de atividade extracurricular. Em outras palavras: eu deveria dedicar-me à outra profissão, “para o bem de minha alma”, em substituição à anterior, agora impraticável para mim.

Algumas dentre as instruções gerais pareciam fáceis, apesar de que, do ponto de vista financeiro, a primeira quase não teria razão de ser. Eu havia lutado muito para a reconquista da minha perdida fortuna; abandonar tudo e partir justamente no momento em que uma luzinha estava começando a brilhar no meu negro horizonte, parecia mera loucura! A instrução n.º 2 era uma beleza! Tomar remédios não é assim coisa tão ruim; apesar de eu detestar o excesso e não me preocupar com a alimentação, a idéia das restrições dietéticas não me desagradava. Eu deveria partir para os lugares afastados — centenas de milhas de qualquer litoral, para a região dos bezerros, dos porcos, dos carneiros; tôda a carne de vaca, de porco, de vitela, linguiças e salchichas, pâncreas ou fígado, peru, pombo e quase tudo o que se pode obter num rancho tinha sido cuidadosamente eliminado do meu cardápio. Ainda mais, graciosamente substituídas estavam as ostras, os mariscos, o salmão, a lagosta, o caranguejo e tôdas as qualidades de peixes e até caviar! Finalmente, precisei dizer-lhes que para passar fome eu não precisaria sair de minha casa, onde poderia fazê-lo confortavelmente... Decidiram que eu poderia comer alguma coisa e, se os benefícios do clima eliminassem as desvantagens da dieta, o cardápio sofreria uma séria revisão.

A terceira e última ordem dizia respeito a uma atividade que fôsse capaz de manter minha mente afastada do trabalho, negócios e assuntos domésticos e pela qual eu me havia de decidir, o que significava que eu precisava inventar, de qualquer maneira, uma profissão que, completamente absorvente em pensamento e ação, me habilitasse a proclamar, em minúcias, as vantagens da vida rotineira.

Muito simples, sem dúvida! Depois de gastar boa parte da vida em atividade de trabalho ou negócios, voltado todo o meu pensamento para

as providências presentes e futuras, atendendo às necessidades de minha família, depara-se-me a imposição de criar um novo interesse reprimindo e excluindo tudo aquilo que constituiu minha vida, durante anos!

Eu estava bem — muito mais do que eu o considerava na ocasião e minha capacidade de aquiescer era extremamente duvidosa. Se alguém o considera fácil, que o experimente! Não afirmo que seria difícil selecionar, na situação presente, uma entre doze coisas e dizer “De agora em diante será isto o que eu vou fazer.” Afirmo, porém, que é um problema sério e difícil vencer algo que tem significação especial para o indivíduo e que lhe dá uma profunda satisfação — um sentido de desempenho criador e um sentimento de utilização, ao máximo, das próprias faculdades.

Conheço muitos homens que, da mesma maneira, resolveram os seus problemas, colecionando vários tipos de artigos — selos, primeiras edições, gravações, pinturas, vidros, pratos e móveis antigos, etc. Outros dedicaram-se à fotografia, adestrando cachorros ou cavalos, fazendo móveis, tapetes ou coberturas e alguns amigos têm-se dedicado à agricultura.

Nenhuma destas, porém, me satisfaz. Não tenho tendências nem o espírito de um colecionador. Por exemplo, apesar de gostar de livros e orgulhar-me de minha biblioteca, não subestimo uma edição apenas porque existe um erro tipográfico à página 33 e uma letra foi impressa fora da linha. Estou pronto a batalhar com um amigo que se esqueceu de me devolver um livro, mas é a substância do volume que me atrai, não a sua raridade.

Esta mesma falta de entusiasmo pelo colecionamento aplica-se a outras formas de coleção. Assim, gosto de cachorros, não porque sejam aristocráticos, com *pedigrees* de alta linhagem. Gosto de cães modestos e para mim um lulu é tão bom quanto (ou talvez melhor do que) um galgo. Cavalos e eu somos criaturas de mundos diferentes. Eles gostam de mim e não tenho a menor idéia de como tratá-los.

Fazendo o inventário de meus interesses e capacidades fora de negócios, verifiquei que não havia nenhum, nenhum suficientemente importante para provocar a distração necessária. Fiquei surpreendido com minhas limitações, minha falta de recursos interiores. Eu, que muito me conhecia, que era lido e viajado, que nunca precisava me aborrecer para encontrar meios de distração... A leitura (ou a viagem), entretanto, constitui satisfação passiva; é necessário algo ativo e construtivo.

Examinando o meu passado, estou convencido de que não tenho levado uma vida desinteressante. Com efeito, creio que tudo o que foi dito referiu-se mais a uma elite do que à média das pessoas. Ainda não posso aceitar nada do que me foi aconselhado como básico para o meu bem-estar. Poderia eu pensar em exercícios atléticos e em esportes de todas as espécies, mas isto requer juventude e adaptação física. Durante a

minha vida escolar e mesmo minha carreira artística, minhas horas de trabalho foram dedicadas ao futebol, basebol, golfe, tênis, pinguepongue, etc. porém nada disso, agora, se torna exequível. Pode ser que isso ocorra devido, parcialmente, à súbita interrupção de todas estas atividades. Ao lado do atletismo, eu desenvolvi, durante os anos de prosperidade e liberdade, uma paixão pelas viagens, mas estas demandam tempo, dinheiro e outras coisas, das quais, provavelmente, tão cedo não poderei dispor. Meditando profundamente em tudo isso tive que admitir que estava vencido. Precisava chamar o médico para me ajudar.

E novamente percorremos juntos todas as conhecidas estradas para uma fuga e sem obter resultados. Disse-lhe que, exceto os esportes, as ocupações físicas não me agradavam e, certa ou erradamente, a única coisa em que eu poderia pensar, por satisfazer a meu ego ou prender minha atenção, era qualquer forma de atividade mental.

— Não posso sentar-me, disse, e permitir que meu cérebro se atrofie tanto quanto meus músculos. Além disso esta atividade mental deve assumir o aspecto de esforço criador.

— Bem, respondeu entusiasticamente o médico, agora estamos caminhando para um fim. Que me diz da pintura?

— Ótimo, acrescentei, seria a resposta ideal se eu tivesse aptidão para isso — mas não tenho. Aprecio a pintura e já visitei muitas das grandes galerias na Europa e deste país. De um modo geral, estudei muitas das grandes obras e já fiz cursos em escolas noturnas, sobre esse assunto. Quem quer que seja que consiga registrar uma cena em tela recebe o preito de minha profunda admiração, mas as tentativas fúteis que fiz em desenho, convenceram-me, sem pairar dúvida, de que eu deveria abandonar este terreno aos Rafaéis e aos Leonardos.

— Está bem, insistiu o médico, e sobre música?

— Aqui também eu estaria bem, respondi, se eu pudesse executar imediatamente alguma peça, mas, pela experiência passada, estou certo de que nem meus nervos nem a vizinhança suportariam os exercícios que eu teria de fazer. Minhas lembranças das lutas com o piano, o bandolim ou o violão, na minha infância, quando eu preferia estar jogando futebol, são ainda bastante vívidas. O único resultado de meus esforços no terreno da música foi uma deficiente capacidade do órgão vocal, adquirida ao apregoar jornais matutinos, com profundo desgosto dos meus clientes. Não, não creio nisso.

Naturalmente, a esta altura, ele já estava exausto. Ainda assim, tentou novamente, embora desanimado.

— Considera possível escrever?

— Isto por certo resolveria o problema, retorqui, mas que devo fazer nesse sentido e sobre que assunto deverei escrever? Minha vida tem

sido divertida, porém, para mim, não creio que alguma das minhas experiências possa interessar a alguém. O trabalho de imaginação, em literatura, sempre constituiu um mistério para mim. Olho com veneração para alguém que consegue escrever um livro ou um conto. O produto do mais obscuro autor tem me parecido magia pura.

— Já tentou alguma vez? — perguntou o médico voltando à realidade.

— Não.

— Então, como sabe que não pode fazer isso?

— Não sei, repliquei, mas a probabilidade é certamente pequena. É verdade que eu sempre tive vontade de tentar, mas a falta de tempo, de técnica e de assunto impediu-me de o fazer.

— Parece-me, pois, que este é o seu caso, continuou o médico. Quer experimentar?

Acabei concordando. Não sei porque, mas provavelmente porque êle pareceu apegar-se à conservação da vida antes de se dar por vencido. Quando ouviu minha resposta cordata êle se reanimou e voltou à carga novamente.

— Agora ouça o que eu desejo que você faça, disse êle, cada vez mais convicto. Desejo que você me prometa que, quando fôr para o Arizona, dedicará duas horas, diariamente, à escrita.

— É demais, respondi. Ainda que eu pudesse pensar em alguma coisa durante duas horas, não teria assunto para as duas horas seguintes.

— Bem, que importa? continuou o médico, com ar beligerante. Você não vai esperar ser um

Shakespeare ou um Chaucer, não é verdade? Você vai escrever para o bem de seu espírito e não para o público. Escrever para satisfação própria e não para aprovação. Por que se preocupar com o fato de ser ou não lido por alguém?

— Não-ã-ã-o, respondi hesitante, quem gostaria de representar para uma casa vazia? Seria muito mais interessante se alguém ficasse perplexo com a leitura a ponto de deixar cair o queixo. Talvez eu chegasse a ter a satisfação de o considerar estúpido e dizer-lhe que sua visão e apreciação literárias deixam muito a desejar. Por outro lado, como saberia eu que não sou um outro Balzac incógnito, que anda a perambular por este mundo?

— Por Deus, disse tristemente o médico, irritado, não vamos recomeçar. Escreva de qualquer jeito, para qualquer público, mas escreva o que quiser, e não volte aqui sem algo para me mostrar.

— Muito bem, respondi, tentarei, mas o senhor vai concordar em ler os resultados.

— Meu Deus, por que tenho praticado a medicina e por que devo sofrer pelos seus males? Vamos! Serei estúpido, como você disse, não importa; tente ainda que eu tenha que me valer de algum recurso de minha própria medicina para me ajudar.

Muito bem; eis aí a minha situação e, como bom soldado, aqui estou no sul do Arizona disposto a lutar com meus nervos para a reconquista de minha saúde. E quem sabe se não surgirá para o mundo um novo Walter Scott?

(Continua no próximo número)

*
* *

Doutrina, no sentido militar, tem um sentido secundário ou relativo ao processo. Diz respeito exclusivamente à maneira de agir, isto é, ao processo de ação. Não nos interessamos, porém, por este aspecto do problema, mesmo porque este livro não é um tratado de estratégia militar. Nosso objetivo é apenas o de identificar os princípios da eficiência militar os quais são universais quanto a sua aplicação às outras organizações. O primeiro e mais importante desses princípios é um fator real, ainda que de ordem abstrata: o *moral*. Moral é a soma de várias qualidades psicológicas, entre as quais está a coragem, a fortaleza de ânimo, a resolução e, acima de tudo, a confiança. Estas virtudes não são monopólio de uma comunidade, de uma raça ou de uma nação. Quando existem e quando um exército está, em matéria de moral, em posição definitivamente superior à de seu adversário, o resultado é decisivo. Nos casos em que o número de homens, o equipamento, a disciplina e a qualidade dos chefes são iguais, é quase certo vencer o exército em que o "moral fôr mais elevado". Há, na guerra, duas ordens de moral: a do soldado e a da população civil. Essas duas ordens se assemelham no que pese, porém, são diferentes. Ao contrário do que acontece com o moral do civil, o do combatente depende menos dos sentimentos de patriotismo ou dedicação a uma causa ou princípio. Quaisquer que sejam as emoções de um soldado em ação, o moral de um exército em luta e no campo de batalha deve ser mantido por outros meios. Até mesmo os exércitos mercenários são possuídos, não raro, de um moral elevado. O exército que Aníbal levou à Itália era constituído principalmente por mercenários de quase todas as raças da Europa Ocidental e do Norte da África. Esse exército possuía, porém, um moral quase inquebrantável resultante de seu preparo e da sua disciplina, do orgulho de suas proezas na luta e da ilimitada confiança em seu grande comandante. De outro lado, nenhum propósito de elevação do moral pode, por si só, manter o espírito forte de um exército de que desertou a confiança. Esses fatos mostram o papel importante que a organização desempenha na criação e manutenção de um moral elevado. Quando dizemos que um exército é definitivamente superior em moral ao seu adversário queremos dizer que os indivíduos que compõem esse exército foram mais bem preparados pelos seus chefes que os dotaram com as virtudes fundamentais da vontade e do coração. Significa simplesmente que os integrantes desse exército estão imbuídos de uma determinação e uma confiança que pode ser atribuída a causas naturais, das quais nenhuma é mais poderosa do que a consciência de que é membro de uma organização melhor e mais eficiente. Não há nada de peculiar à guerra. Em toda atividade humana a eficiência da organização é o mais poderoso agente criador e mantenedor do moral. — "Princípios de Organização" — Mooney e Reiley — "R.S.P." — julho — 1949.